



POR UM TEATRO EM TODOS OS CANTOS, POR UM TEATRO DE TODOS NOSSOS CANTOS: uma entrevista com o **GESTO – Grupo de Estudos em Teatro do Oprimido**

CÉSAR AUGUSTO PARO - GESTO

Educador popular em saúde, graduado em fonoaudiologia (UNICAMP) e especialista (UFRJ), mestre (UERJ) e doutorando em Saúde Coletiva (UFRJ). Possui formação em Teatro do Oprimido por cursos livres e residência artística internacional pelo CTO. cesaraugustoparo@iesc.ufrj.br.

**CHRISTIANO CÉSAR MATTOS
DIAS (CACHALOTE MATTOS)**

É cenógrafo (UFRJ) e mestre em Artes Cênicas (UNIRIO). Atua como parceiro do Centro de Teatro do Oprimido – CTO desde 1998. É membro do Grupo de Teatro do Oprimido Cor do Brasil. Organizador e autor de Teatro do Oprimido na Universidade.
cacha_rj@hotmail.com.



Foto: Cachalote Mattos.

HELEN SARAPECK

É bióloga (UERJ), mestra e doutoranda em Artes Cênicas (UNIRIO). Curinga do CTO, de 1990 a 2015, e Coordenadora Geral de 2009 a 2013. Organizadora e autora de Teatro do Oprimido e Outros Babados e de Teatro do Oprimido na Universidade.
helensarapeck@gmail.com.



Foto: Noelia Albuquerque.

Em meio a um cenário de múltiplos ataques/golpes às diversas conquistas sociais e aos valores democráticos que tanto têm nos guiado na construção de uma sociedade igualitária para que possamos freirianamente “ser mais” ou boalianamente ser “atores” de nossa própria história, urge cada vez mais afirmarmos a politicidade do teatro. Tal qual o *Homenagem à Magritte* – um dos joguexercícios do Teatro do Oprimido que nos convida a ressignificarmos objetos para descobrirmos as potencialidades do fazer e da capacidade de transporte do mundo das ideias para o mundo da realidade –, esta edição temática do Caderno do GIPE-CIT nos provoca a “dar ao pente funções de não pentear”. Por isso, nos propomos aqui a dialogar sobre um dos métodos teatrais que nos incita a refletir sobre o porquê histórica e socialmente usarmos o “pente” de uma forma e não de outra, e, mais do que isso, engendrar coletivamente novas formas para o seu uso, principalmente se tais usos são instrumentos de opressão, de processos de desumanização. Por tais razões, nós estamos aqui hoje: Cachalote Mattos, César Paro e Helen Sarapeck, três integrantes do GESTO – Grupo de Estudos em Teatro do Oprimido. Dada a distância que separa o outono da Dinamarca, onde resido temporariamente neste 25 de setembro de 2019, do inverno do Rio de Janeiro, onde se encontram minha entrevistada e meu entrevistado, realizamos a entrevista de forma virtual com posterior transcrição do material.



César: “Teatro é arte e é arma”: assim dimensionou o nosso grande Augusto Boal para uma verdadeira revolução no modo de se pensar e fazer a prática teatral! Acho que, para um começo de conversa, podíamos contar um pouco para um leitor menos familiarizado do que se trata o Teatro do Oprimido, que será objeto de reflexão desta nossa entrevista. Como vocês o definiriam?

Cachalote: O Teatro do Oprimido antes de tudo é teatro com toda sua potência estética, porém é um teatro político, de coletivos oprimidos. Nasce dessas histórias reais tatuadas sobre os corpos pretos, corpos de mulheres, de homossexuais e de todas as pessoas oprimidas. Um teatro feito por e para o oprimido. Um teatro atravessado pela realidade, pelo território, pela sonoridade. Os coletivos trazem para a cena profundas discussões e reflexões sociopolíticas sobre diversos assuntos de várias maneiras diferentes. O nosso teatro político é atravessado por nossos corpos: nossa existência tem atravessado o teatro para que ele seja feito por oprimidos, por oprimidas, com e para elas e eles.

É atravessado e atravessa o espaço, não fica limitado dentro da caixa preta esperando um público branco burguês chegar: os coletivos se apresentam em qualquer território, em praças públicas, em pátios de escola, em associações de moradores, em auditórios de universidades, em unidades prisionais, em acampamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e em quilombos, com objetivo de falar para os seus, trazendo reflexões sobre racismo, machismo, homofobia, entre



outras temáticas, possibilitando que pessoas pobres e pretas tenham acesso a essa ferramenta social.

Helen: O Teatro do Oprimido é um método político-teatral que parte do princípio de que o teatro é uma essência humana, da arte como uma essência humana: somos todos artistas por natureza, por uma capacidade humana que temos. Ele é formado por um conjunto de jogos, exercícios e técnicas para que a gente possa descobrir o teatro e a arte que existe em nós e usá-la ao nosso favor. Então, o Teatro do Oprimido, como bem coloca Cacha, é feito para as oprimidas e para os oprimidos. É um teatro feito para as pessoas que não estão na condição de poder, de *status* na sociedade. É um teatro que busca atingir pessoas que estão na margem da sociedade, ou melhor, que foram postas nesse lugar. É um teatro que quer recuperar a capacidade humana de produção de arte, de teatro, para que isso vire uma arma de luta contra a opressão.

César: Buscando agora já se conectar com o própria tema desta edição temática da Caderno do GIPE-CIT, que, a partir de um dos versos do poema Uma didática da invenção, de Manoel de Barros, nos provoca a pensar as criacionices, as invencionices, que inventividades poderíamos atribuir ao Teatro do Oprimido? O que ele traz de novo?

Helen: O Teatro do Oprimido traz novidades desde quando ele surgiu – e que já não é tão novo assim, afinal, ano que vem ele faz 50 anos, quando data o surgimento do Teatro-Jornal por Boal e a equipe do Teatro de Arena de São Paulo. Todas as técnicas e a própria proposta buscam devolver às pessoas a capacidade de desenvolverem o teatro para discutir as suas próprias histórias! Porque o teatro tem essa capacidade de ver a nossa vida do lado de fora. E, vendo a nossa vida do lado de



fora, vendo a nossa vida sendo representada, a gente pode enxergá-la melhor e descobrir quais alternativas a gente tem para mudá-la, para sair das opressões que a sociedade nos impõe.

Cachalote: Por isso que vejo que ele está muito conectado com o que existe de contemporâneo na forma de se pensar o teatro: é um teatro que nasce de histórias reais contadas pelas pessoas oprimidas, em que elas mesmas são os atores e as atrizes – e não profissionais formados em escolas especializadas em Dramaturgia. Buscamos com o método exercitar todo o meio de produção do fazer teatral: da preparação da cena a criação da imagem (cenário e figurino) até a sonoridade. Por isso, o Teatro do Oprimido agrega jogos de criação estética das artes plásticas, da música, da dança. Quando realiza apresentações, explode a quarta parede, convidando o “espect-ator” a entrar em cena e a pensar possibilidades de mudanças futuras para as opressões apresentadas.

Helen: E esse é um outro ponto de novidade nossa: o Teatro do Oprimido não tem espectadores, ele tem espec-atores, porque são pessoas que estão sempre, independentemente de estarem observando ao invés de participando, na expectativa de atuar. De atuar em cena como um ensaio para a sua própria vida real.

César: É interessante como Boal propõe enxergar o teatro enquanto uma vocação humana, algo que é da própria natureza das possibilidades humanas, como vocês até já começaram a pincelar anteriormente. Gosto muito quando ele faz a provocação de que “todo mundo pode fazer teatro – até mesmo os atores”. E continua: “o teatro pode ser feito em todos os lugares – até mesmo dentro dos teatros”. Assim se fazem os processos no Teatro do Oprimido: ladrilhando caminhos para os nossos pés caminharem, bombeando utopias para os



nossos corações sonharem, aportando criticidades para as nossas cabeças pensarem, forjando escutas para os nossos cantos anunciarem... Vocês poderiam comentar um pouco mais sobre quem são os sujeitos do Teatro do Oprimido?



Cachalote: São todas as pessoas oprimidas que lutam por mudanças, que buscam alternativas para mudar a realidade. Para Boal, existe teatralidade em todas as relações humanas e, para cada situação, criamos personagens: o texto corporal de uma pessoa em relação ao seu chefe não é o mesmo quando em um relacionamento amoroso, por exemplo.

Helen: O Teatro do Oprimido é para o sujeito que está incomodado. Nesse sentido, não busca a catarse aristotélica para que a pessoa fique satisfeita com o que assiste e expurgue de si o mal e saia do teatro feliz. Pelo contrário, o Teatro do Oprimido pretende que a pessoa se sinta incomodada com a posição que a sociedade lhe impõe a ponto que ela queira sair desse “lugar” de marasmo, de espera, para entrar num lugar de atuação, de emergência, de mudança, de transformação. Ou seja, sair de uma posição passiva para uma posição ativa, sair de uma posição de oprimido para uma posição de cidadão – um sujeito que luta e que busca pelos seus direitos.

César: Afinal, como nos lembra Boal: “Ser cidadão não é viver em sociedade, é transformá-la!” Vamos explorar agora um pouco a questão dos espaços físicos. Em quais “cantos” o Teatro do Oprimido acontece? Contem um pouco a partir da vivência de vocês, na academia, na participação em grupos de teatro do oprimido, ou na implementação de projetos sociais com o método!



Helen: Eu conheci o Teatro do Oprimido por meio de um grupo de ambientalistas em 1990. Desde então, comecei a fazer parte do CTO. No início, utilizava o Teatro do Oprimido para discutir a questão ambiental, principalmente, sobre como a gente se sentia oprimido na tentativa de debate sobre meio-ambiente, numa época em que os ambientalistas eram considerados “ecochatos”, sendo bastante massacrados.

Pude conhecer depois outros grupos e trabalhar com outras especificidades também, cada um com a sua lógica! Trabalhei com grupo de negros na universidade, de estudantes na escola, de homossexuais, de mulheres, de moradores de comunidades... Por meio do CTO, a gente conseguiu fazer diversos projetos grandes e em distintos setores! Por exemplo, trabalhamos no sistema penitenciário em dezesseis estados pelo Brasil, fazendo formação dos agentes penitenciários e de outros profissionais que atuavam no segmento, para que eles pudessem utilizar o método com as detentas e os detentos de modo a discutir os problemas dentro do sistema.

Na área da saúde mental, tivemos diversas atuações nos serviços de saúde com os mais diferentes atores (usuários dos serviços, familiares, profissionais, apoiadores etc.) buscando apoiar a luta do Movimento Antimanicomial.

Na educação, também desenvolvemos um projeto com escolas localizadas em áreas de extrema pobreza da Baixada Fluminense, de Niterói e de São Gonçalo, atuando junto aos gestores, aos professores e às lideranças da comunidade escolar, que pudessem atuar com o método diretamente com os estudantes, numa perspectiva de não só pensar as opressões que ocorrem dentro da escola, mas também as da comunidade do entorno escolar.



Cachalote: Como Helen bem aponta, estamos falando de um método que se difundiu por diversas áreas e camadas da sociedade, bem como em todos os cantos do mundo – já presente em mais de 80 países. Estamos falando em um teatro que não se limita à sala fechada: se apresenta em qualquer tipo de lugar, buscando um diálogo com seu público. Por isso, ocupa todos os cantos e contextos: do subúrbio carioca à área rural moçambicana!

César: O Teatro do Oprimido tem uma conexão muito forte com a realidade e com um certo fazer. Sua criação não foi uma abstração de alguém que estava entre quatro paredes pensando um novo jeito de se aplicar algo e fez isso alijado de uma prática. Pelo contrário, foi um método criado a partir do sistemático exercício de reflexão-ação-reflexão sobre, do e no mundo, num movimento práxico! Vocês dois fizeram parte dessa construção junto com Boal e continuaram ainda atuando, militando, pesquisando e refletindo com/sobre o teatro do oprimido. Os livros de Boal ainda continuam sendo registros de referências para muitas e muitos que querem ter contato com o método. A sua última obra, *A Estética do Oprimido*, traz sistematizações sobre o seu último projeto, que ainda estava em curso. Vocês podem contar um pouco sobre ele? Também poderia tentar fazer uma certa síntese do que de novo foi aportado nesses dez anos de continuidade do Teatro do Oprimido?

Helen: *A Estética do Oprimido* parte do princípio de que nós somos muito melhores do que a gente imagina, de que temos muito mais capacidade do que supomos. “Quem pinta um quadro se torna pintor! Se eu escrevo uma poesia, eu me torno um poeta!” – assim dizia Boal, e assim diz *A Estética do Oprimido*. Boal levou muito tempo para escrever o livro da estética, porque



o livro, e a proposta que ele traz, é como se fosse um pouco o xilema e o floema que sobem e descem na árvore do Teatro do Oprimido, como se fosse o sangue do nosso corpo. *A Estética do Oprimido* está presente em todos os jogos e em todas as técnicas do Teatro do Oprimido: ela é a visão de que eu sou artista por essência, e de que eu preciso me utilizar dessa arte para me expressar no mundo!

Cachalote: Por isso que Boal amplia a ideia de que “todo mundo pode fazer teatro”, para a de que “todo mundo pode ser artista”! Explorando todos os canais estéticos (imagem, som e palavra), propõe que as pessoas desenvolvam os canais sensíveis de pensamento. Isso porque acredita que a guerra opressiva também se dá por meio dos sentidos, por mensagens subliminares introjetadas pelos opressores – principalmente pelos meios de comunicação de massa. Logo, um dos jeitos de nos defendermos dessa invasão seria desenvolver esses canais sensíveis.

Por meio da Estética do Oprimido, existiu uma continuidade de pesquisa na área do Som, principalmente por Bárbara Santos, que criou diversos laboratórios de som e ritmo, criando espetáculos sem o uso da palavra falada.

Na parte da imagem da cena, ofereci diversos laboratórios em diferentes partes do mundo, para chegarmos na cena partindo da imagem. Destaco, por exemplo, uma experiência desenvolvida com o coletivo *Cor do Brasil* (grupo composto só por pessoas negras que discute racismo), que batizei como *Preto no Preto*, em que utilizávamos somente objetos e elementos pretos para chegar à imagem da cena.



Outro avanço que posso destacar pós-Boal foi o *Teatro Fórum por identidade*, utilizado por alguns praticantes: o espect-ator só entra no lugar do oprimido por identidade. Ou seja, uma pessoa branca não entra em cena no lugar de uma pessoa negra, mas sim no seu lugar social de pessoa branca. O mesmo acontece com um homem em uma cena em que a mulher está oprimida: o homem não substitui a mulher, mas entra em cena do seu lugar social.

É importante lembrar também as diversas experimentações que temos feito com Teatro-Fórum a partir de intervenções coletivas em cena (e não só de um único espect-ator substituindo o papel de um único personagem). Afinal, entendendo que é muito difícil transformar a realidade sozinho, quais as ações coletivas são possíveis de ser ensaiadas?

Outra novidade foi o crescimento das especificidades de gênero e de raça: surgiram redes internacionais só de mulheres, a Rede Ma(g)dalena Internacional, e grupos com recorte negros, como o *Cor do Brasil* e as *Anastácias*. Essas novidades vêm mudando a cara do Teatro do Oprimido, que tradicionalmente era dominado em grande maioria por homens heterossexuais e brancos.

Helen: No caso do projeto *Madalena*, gostaria de acrescentar algumas palavras. Nele, as mulheres vão buscar compreender o sistema patriarcal e machista em que elas estão inseridas e como a gente faz para transformar essa história.... Menos para combater o homem e suas atitudes machistas e mais para entender como o machismo se dá na minha própria pele de mulher e como faço para reagir a isso: ganhar forças para entender como o machismo age em mim (e, por vezes, me cala e paralisa), e, então, fazer com que ele não me cale e não



me paralise mais, de modo que eu possa ter reações para sair dessa opressão e ajudar outras mulheres (pessoas que são percebidas na sociedade como mulheres) a sair dela e combater o machismo – levar isso de volta para a sociedade a partir do meu ponto de vista de mulher.

César: Bem, sabemos que nem tudo são flores! Ainda são longos os caminhos a percorrermos... Diversas pedras, alguns galhos... Nesse sentido, quais são os desafios que o Teatro do Oprimido enfrenta, ou melhor, confronta hoje?

Helen: Citaria dois! Um é a inclusão do Teatro do Oprimido no ensino formal, seja na Universidade, seja no Ensino Fundamental e Médio. A educação é um espaço político que o Teatro do Oprimido precisa ocupar! No caso da universidade, precisamos desconstruir esse ambiente, que é completamente colonizado e eurocêntrico, onde ainda dominam autores homens, brancos, heteronormativos. É preciso desconstruir isso, incluindo, nesse mesmo espaço, brasileiros, sul-americanos, pensadores e métodos que reflitam a partir do ponto de vista do oprimido! O Teatro do Oprimido tem muito a contribuir nessa reconstrução!

Outra coisa que eu vejo é que o Teatro do Oprimido está pelo mundo como o Cacha comentou anteriormente. Praticamente se usa o método no mundo inteiro. Mas “qual Teatro do Oprimido se faz?” é uma pergunta que fica no ar... E, nesse sentido, é um desafio sobre como combatermos o uso desse teatro para outros objetivos que não sejam os para os quais ele foi criado. E o TO surgiu para a libertação dos oprimidos! Por isso, num mundo tão diverso de multiplicadores e de praticantes, torna-se mais que necessário juntar/aproximar as pessoas em rede, de modo a fomentar uma prática que possa contemplar o método simbolizado na figura da Árvore: partir dos seus



princípios de ética e solidariedade para buscar ações sociais continuadas e concretas.

Cachalote: No meu ponto de vista, mesmo com avanços, ainda se deve reivindicar para ter oprimidos nos espaços de decisões.

César: Bom, podemos agora falar um pouco de algo que conecta a nós três: o GESTO. Quem poderia explicar melhor ao leitor sobre o que é o grupo? A que se propõe? Como tem sido a sua atuação? Qual tem sido o seu papel no Teatro do Oprimido?

Helen: Quando Boal faleceu, o CTO foi convidado pela Secretaria de Educação, através do Licko Turle, para fazermos uma oficina de Teatro do Oprimido dirigida a estudantes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. E então fomos fazer essa oficina lá! E o impacto nos estudantes foi extremamente positivo. Foi tão intenso, que o grupo resolveu, juntamente com Licko e outros praticantes do método que estavam cursando pós-graduação – o Flávio da Conceição, por exemplo – montar um grupo de estudos sobre o método. O grupo foi crescendo e pensando formas de incluir o Teatro do Oprimido na academia.

Cachalote: Aí existia a tal da “crise-chinesa”, um movimento que continha em si perigo e oportunidade: perigo de elitizar o método, oportunizando-o para a classe média da universidade, mas oportunidade de pensar e difundir tal pensamento nesse campo de batalha que é a academia e que é a formação em teatro, pois o Teatro do Oprimido ainda é pouquíssimo estudado nas escolas de teatro!





Helen: A gente também continua produzindo regularmente as JITOU, Jornadas Internacionais de Teatro do Oprimido e Universidade. No primeiro ano, as Jornadas tiveram apenas um dia. No segundo ano, já tiveram dois dias. Depois, três, quatro, cinco... E a cada ano elas crescem mais!

César: As primeiras edições ocorreram no Rio de Janeiro, mas ano passado já se espraiaram e foram para Salvador por meio das nossas parcerias com a Universidade Federal da Bahia – UFBA, especialmente com a Faculdade de Educação, a Escola de Teatro e seu Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Neste ano elas continuaram em solos soteropolitanos e tiveram seis dias de atividades, dois deles nos espaços de movimentos sociais parceiros com eles: Ocupação Manoel Faustino do Movimento Sem Teto da Bahia (MSTB), no subúrbio de Salvador, e o Quilombo Monte Recôncavo, em São Francisco do Conde/BA.

Helen: Sim! As JITOU têm essa característica de ser um espaço que congrega graduandos e pós-graduandos para conversar na academia sobre os seus trabalhos nas comunidades. E para que a comunidade possa vir, entrar na academia, para discutir os temas que interessam a ela. Até porque é função de toda universidade dar retorno para a sociedade, em especial, para a comunidade em que está inserida. Então as JITOU fazem um pouco este papel: levar a academia para a comunidade e a comunidade para a academia!

Por fim, estamos em processo de criação de um Curso de Pós-Graduação *lato sensu* do tipo Especialização em “Estudos em Teatro do Oprimido: práticas político-pedagógicas”, que vem com a proposta de trabalhar na formação de praticantes do



Teatro do Oprimido que possam atuar com o método nos seus locais de inserção!



César: Temos que já ir ao encontro de um certo fim para nossa conversa, de já irmos fechando as cortinas por aqui... Mas, ao mesmo tempo, seguindo o espírito de Boal, quando questionava “por que parar quando baixa o pano? Aí começa!”, vamos pensar este fechamento como possibilidade de novos começos, vamos transformá-lo em um processo de semeadura de futuras árvores, de nascimento de muitos pássaros! Por isso trago uma dúvida de muitas pessoas que me escrevem: como eu posso virar um praticante do método? Como posso me formar no método?

Cachalote: Desejo de transformar o mundo... Sem desejo e vontade, não é possível. Ler sobre o método nos livros do Boal, mas também das pessoas que escreveram sobre. Se possível, participar de oficinas de formação, o que é muito mais rico e traz uma experiência diferente da do contato com o livro.

Helen: Sim, aí tem os cursos oferecidos pelo próprio GESTO, pelo CTO, por pessoas espalhadas e que possam te dar uma boa formação.

Cachalote: Mas não se esquecer de concretizar essa formação na prática, como buscar reunir um grupo e praticar os jogos e exercícios. Criar redes locais com pessoas que têm interesse no método e também com coletivos que discutam as temáticas que o grupo queira discutir. Criar cenas, apresentar para os seus, fazer sempre uma análise crítica da produção, convidar pessoas com mais experiência para assistir ao que se criou...



Helen: Praticar! Somente a experiência vai te dar uma formação real, na verdade. Você não se forma curinga e praticante quando você não pratica: você precisa experimentar no seu cotidiano, nos seus espaços possíveis, como o método vai se dar... E aprender com isso! Aprender com a prática, para depois devolvê-la para uma teoria. Trabalhar! Sem a mão na massa, a gente não chega lá.

César: Gostaria de agradecer imensamente poder estar com vocês! Sempre são ricos momentos que, para além de diversos aprendizados que vocês dois, enquanto referências para mim dentro do Teatro do Oprimido, me geram, também são momentos de fortalecimento da minha esperança no nosso potencial de criação de inéditos viáveis para a nossa libertação desta sociedade opressora! Espero que também nossos leitores possam ter sido encharcados com tais esperanças, e que estas sejam mobilizadoras para a gestação de sonhos e para o protagonismo nas mudanças. Afinal, como nos lembra Boal: “para resistir, não basta dizer não, desejar é preciso”.

